

SIMPÓSIO AT117

LEITURA, SUBJETIVIDADE E FORMAÇÃO DO LEITOR EM TRÊS EXPERIÊNCIAS AD/DIVERSAS

LIMA, Sheila Oliveira
Universidade Estadual de Londrina
sheilaol@uol.com.br

Resumo: As atividades de leitura na escola não conduzem os leitores escolares a uma experiência humana, pois tais exercícios não permitem que os estudantes se envolvam subjetivamente com os textos literários. Jouve (2013) propõe uma metodologia a partir da qual os estudantes possam ler os textos literários e interpretá-los a partir de sua impressão primeira e pessoal. Esse processo é muito comum para grandes leitores, como os grandes escritores. Neste trabalho, apresentamos os processos subjetivos de leitura experimentados por Italo Calvino e George Orweel em suas infâncias. Para concluir, apresentamos uma experiência vivenciada por um grupo de alunos de Licenciatura em Letras, os quais fizeram uma atividade de leitura de um poema de Drummond a partir da metodologia apresentada por Jouve (2013). Essa experiência de sucesso pode representar um processo muito importante a ser considerado na formação de leitores na escola. Um elemento que, até o momento, no Brasil, tem ficado à margem da sala de aula.

Palavras-chave: literatura; subjetividade; experiência; leitura.

Abstract: The reading exercises at school don't conduce scholar readers to a human experience, because those exercises don't allow the students to get involved subjectively with the literature texts. Jouve (2013) propose a methodology in wich the students can read the literary texts and can interpret them starting their first and personal impressions. This process is very common to the great readers, like the great writers. In this work, we present the subjective reading process experienced by Italo Calvino and George Orwell in their childhood as a way of evidence the attendance of subjetivity in the authentic reading processes. To conclude, we present an experience carried out in a group of students, in the Language Teaching Course, that did a reading exercise of a poem of Drummond starting the Jouve's methology. This successfull experience may represent a very important procces to consider in the reading formation at school. An element that, until now, in Brazil, stand on the edge of classroom.

Keywords: literature; subjectivity; experience; reading.

Introdução

Neste artigo, pretendemos abordar a leitura do texto literário na escola e a necessidade de se considerar essa prática sempre atravessada pela subjetividade, ainda que sob o jugo de uma experiência escolarizada.

É certo que cada leitor apropria-se do texto que lê de modo muito particular, amparando sua imaginação e as reflexões que a leitura provoca em sua própria experiência pessoal. Trata-se, como aponta Barthes (2004) de “escrever a leitura”, isto é, o texto lido transborda do texto escrito, pois o leitor “sobrescreve” nele a sua própria experiência com a leitura. Sendo assim, cada nova leitura produz um novo texto, até mesmo quando executada por um mesmo leitor, submetido a condições diversas ou adversas.

Pensar a leitura a partir da sua produção e pelo viés da subjetividade envolve ressignificar todo o seu processo, tomando-o como algo que se instaura a partir do desejo e dos afetos do leitor. Trata-se, entretanto, de lidar com um fenômeno quase que inapreensível, de difícil contorno, na medida em que sua ocorrência se dá em ato e de modo muito particular a cada sujeito e em cada situação de leitura.

Nesse sentido, talvez, o que seja mais palpável a respeito do fenômeno da leitura seja o fato de que é preciso estar disposto a compreendê-lo como efeito da subjetividade, um modo de operação da linguagem que não cessa de não se inscrever, na medida em que, tão logo se efetiva, já evanesce, restando, entretanto, o que lhe é efeito: o sujeito afetado, o vivido, a experiência subjetiva.

A leitura, e não só a literária, por definição, representa uma experiência em que o sujeito é convocado a posicionar-se. Onde não há sujeito, não há leitura. Cumpre questionar, nesse sentido, em que medida é possível considerar autênticas as leituras escolares, nas quais a subjetividade, via de regra, é interdita. Mais ainda, como é possível conceber um ensino de leitura em que a subjetividade não esteja autorizada?

Tais questões advêm da análise de contextos de ensino em que se observa que a leitura, sobretudo do texto literário, é toda orientada a partir de viéses que sobrevalorizam o texto em detrimento do leitor ou da leitura. Bons

exemplos disso são as atividades veiculadas nos livros didáticos, cujo foco recai unicamente nos aspectos composicionais dos textos, com objetivo, em geral, de reforçar ou impor interpretações já autorizadas e presentes em certos materiais. O problema, entretanto, é que, muitas vezes, tais apropriações são superficiais e não conduzem a uma postura autônoma como elemento fundamental na formação leitora.

Na contramão desse caminho já tantas vezes trilhado e outras tantas marcado pelo fracasso ou pelo sofrimento, algumas propostas buscam abordar a leitura na escola a partir do enlace subjetivo entre obra e leitor.

Todorov (2010), em famoso ensaio a respeito do lugar da literatura na escola, sugere que a leitura assuma um caráter mais afetivo que teórico na vida dos alunos. Observando a capacidade de dar contorno à experiência humana, o teórico búlgaro, afirma: “Não “assassinamos a literatura” (retomando o título de um panfleto recente) quando também estudamos na escola textos “não-literários”, mas quando fazemos das obras simples ilustrações de uma visão formalista, ou niilista, ou solipsista da literatura.” (TODOROV: 2010, p.92). E prossegue: “Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano.” (TODOROV: 2010, p.92-3).

Considerando tal abordagem, a prática de leitura de literatura na escola passa a assumir outros contornos, sobre os quais Jouve (2013) faz interessantes reflexões e propõe que todo o trabalho de leitura literária se dê a partir de um eixo que leva o aluno a se colocar subjetivamente na relação com o texto. Nesse sentido, a proposta metodológica de Jouve (2013) se estabelece a partir de três etapas de trabalho realizadas na escola: (1) reconhecimento da relação pessoal do aluno com o texto; (2) confronto da apreensão pessoal com os dados textuais; (3) percepção do quanto a leitura ou o texto afetam a compreensão do mundo e de si.

Corroborando com tal processo, Lima (2016) afirma que a leitura pode ser compreendida também como um processo de representação, no qual

ocorre uma identificação entre leitor e texto – entre sujeito e objeto –, dado que se trata de uma relação simbólica estabelecida no espaço da enunciação.

A intensidade de tal experiência, marcada por um encontro com o outro e, ao mesmo tempo, consigo mesmo, pode ser observada em diversos relatos de leitores, nos quais se evidencia que a leitura, sobretudo da literatura, excede o tempo/espaço de sua realização. Vale dizer, portanto, que lidar com a leitura na escola é uma tarefa que não se esgota no momento exato da sala de aula, configurando tal atividade como um exercício do porvir.

Entretanto, no âmbito da escola essa relação com a leitura leva a um constrangimento que se esboça na seguinte questão: como dar centralidade a um processo que não se esgota na sala de aula? Como não relegar à margem uma experiência sobre a qual não é possível efetivo domínio ou controle de seu percurso?

1. Escritores e suas leituras

A experiência de leitura constitui-se no campo das subjetividades. Não à toa, Barthes (2004) vai considerá-la dispersiva e múltipla. Entretanto, é possível que, no particular, encontremos algo de universal.

Neste artigo, abordaremos duas situações pontuais em que a experiência de leitor comparece de modo singular: as leituras que convocam o jovem Calvino em “O caminho de San Giovanni”, enquanto tenta se desvencilhar do clamor cotidiano da vida no campo; e a leitura que George Orwell faz do poema de Tennyson, “The children’s hospital”, e que ressoa, anos depois, na experiência vivida após a guerra.

Italo Calvino, no ensaio “O caminho de San Giovanni”, traz uma memória da difícil vivência na propriedade rural de seu pai, um biólogo que apreciava o trabalho no campo. O texto se realiza de modo belo, intenso e sutil, na medida em que evidencia a tensão entre as escolhas do pai pela vida rural, pela convivência com a natureza, enquanto Calvino deseja a cidade e prefere a experiência literária. Entretanto, observa-se que há um desejo de representar San Giovanni, o caminho e a experiência de atravessá-lo ao lado do pai, porém estando cada qual em seu universo particular.

Embora o ensaio destaque sobremaneira as paisagens e a relação do pai com o trabalho no campo, em três momentos pontuais Calvino sobreleva sua possibilidade de ser, seu encontro com um “em si”, a partir da leitura e do universo da fabulação. Enquanto o pai observa as plantas e as nomeia de acordo com os estudos biológicos, Calvino revela: “As palavras fluíam e fluíam em minha cabeça ancoradas não a objetos, mas a emoções fantasias pressentimentos.” (CALVINO, 2000, p. 22).

Também seu encontro (ou reencontro) com a própria realidade, por vezes, só se estabelece de modo íntegro, quando atravessado pela experiência literária: “(...) e outra um pouco mais acima, de estilo indiano, toda coruchéus e cúpulas afuseladas, chamada “Palais d’Agra” (**nome para mim misterioso até eu ler *Kim*, de Kipling**)” (CALVINO, 2000, p. 27, grifos nossos).

Ao final do relato, Calvino confirma sua relação com o mundo, sempre atravessada pela literatura:

E não sabia que eu também estava buscando uma relação, talvez mais afortunada que a de meu pai, uma relação que a literatura acabaria me dando, **devolvendo significado a tudo**, e, de repente cada coisa se tornaria tangível e possível e perfeita, cada coisa daquele mundo já perdido. (CALVINO, 2000, P. 37, grifos nossos)

Porém, agora, cômico de que algo se perdera, percebe que a literatura, como representação simbólica, enseja o acesso ao objeto perdido, ao mesmo tempo em que reafirma sua intangibilidade.

Paradoxalmente, se na juventude rural, a literatura era o meio para fugir da realidade, na maturidade, ela passa a representar o reencontro com uma realidade agora fugidia, preservada apenas na memória. Nesse sentido, a literatura e o lugar de leitor são, efetivamente, o que permanece de todos os percursos de San Giovanni.

Outra narrativa que traz as memórias de um grande escritor é “Assim morrem os pobres”, ensaio biográfico escrito por George Orwell, no qual narra o período de sua internação num hospital público em Paris, no ano de 1929. O foco da reflexão é o modo indiferente, quase desumano, como os pacientes – todos muito pobres – são tratados por médicos, enfermeiros e estudantes de

medicina. O olhar crítico de Orwell passeia pelo pavilhão de doentes e vislumbra o sofrimento humano intensificado pelas condições sociais de uma Paris entre-guerras.

O comparecimento da leitura e da literatura no relato de Orwell ocorre, porém, já ao final do ensaio, quando o autor menciona o poema de Tennyson, “The children’s hospital”, lido por uma enfermeira particular a ele ainda na infância. O autor reporta-se ao poema identificando nele certa semelhança com o que experimenta durante sua internação:

(...) o primeiro vislumbre da sala mal iluminada e repleta de murmúrios, com as camas tão próximas umas das outras, despertou subitamente o estado de espírito em que aquela obra se inseria, e, na noite que se seguiu, dei por mim a recordar toda a história e a atmosfera do poema, e muitos versos completos vieram-me aos lábios. (ORWELL, 2016, p.99)

Embora a menção ao poema surja apenas na conclusão do ensaio, Orwell esclarece que a associação ente o texto e a realidade experimentada manifestara-se desde os primeiros momentos no hospital. A literatura, portanto, comparece aqui como uma forma de dar contorno ao vivido, de representar o que se afigura inconcebível.

Nesse sentido, tanto em Calvino quanto em Orwell, a leitura de literatura, em suas memórias, manifesta-se como linguagem capaz de mediar a relação entre sujeito e mundo. Em Calvino, a literatura se torna o canal para melhor compreensão da experiência da infância. Já em Orwell é a experiência literária ocorrida na infância que ajuda a nomear, recitar, a realidade pesada dos desvalidos.

2. A experiência escolarizada com a leitura e a literatura

Na escola, em seus diversos segmentos, é comum que a experiência com a leitura e com a literatura se dê de maneira orientada, sob enquadramentos interpretativos que não suportam o comparecimento da subjetividade.

Levada ao aluno, na maior parte das vezes, por meio do livro didático, o tratamento da leitura e da literatura, em geral, vem atravessado por interpretações prévias com viés de autoridade. O texto chega ao aluno já

acompanhado de uma série de questões formuladas de modo a convergir a um certo tipo de interpretação já autorizada pelos diversos sistemas interpretativos – as teorias acadêmicas, os estudos literários, a moral vigente etc.

Buscando perverter tal quadro, no qual o aluno se vê submetido a uma leitura alheia a si, adotamos os pressupostos trazidos por Jouve (2013) para o trabalho interpretativo da obra literária como modelo de abordagem levado a um grupo de alunos de terceiro ano de Licenciatura em Letras.

Após apresentação da proposta de Jouve (2013), foi realizada a leitura de “O caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, com os alunos da Licenciatura como forma de testar a eficácia do modelo.

O texto é um poema narrativo, constituído a partir de um diálogo entre uma mãe e suas filhas, as quais questionam a presença de um velho vestido pendurado na casa, o qual teria pertencido à amante do pai.

Procedeu-se na leitura em voz alta do poema e em um trabalho interpretativo inicial, com os alunos colocando livremente suas impressões sobre o texto e, já engatando a segunda etapa do trabalho, justificando suas interpretações a partir de elementos apontados no próprio poema.

Por se tratar de uma turma do curso de Letras, o trabalho, nessas duas primeiras etapas, foi bastante profícuo, certamente amparado pelos repertórios constituídos nas aulas de teoria literária e literatura brasileira. Sendo assim, foram bem realizadas e compreendidas metodologicamente as etapas de reconhecimento da relação pessoal do aluno com o texto e do confronto da apreensão pessoal com os dados textuais.

Surpreendeu-nos, porém, que, ao final da segunda etapa, uma das alunas manifestasse o desejo de expor sua percepção afetiva do poema, realizando, desse modo, a terceira etapa da proposta de Jouve. A aluna relatou, perante os colegas, que o poema trazia à tona a compreensão da situação familiar que vivia. Expôs, amparada pela construção de Drummond, o modo como resignificava seu entendimento a respeito da fragilidade do patriarca da família em oposição à força e à grandiosidade da mãe.

A explanação apresentada pela aluna ampliou e aprofundou a leitura dos demais alunos pela via de uma atualização inusitada. Entretanto, o saldo mais positivo de toda a experiência se deu pela compreensão de que a leitura do texto literário demanda um mergulho subjetivo. Mais ainda, que a escola pode e deve abrir espaços para esse modo de proceder a leitura, sobretudo se tem entre suas pretensões uma formação leitora que leve a uma relação significativa com a literatura, trazendo para o centro o que tem sido por muito tempo tratado como margem: o sujeito, o humano.

Considerações finais

A leitura ocorre, em todos os casos, atravessada por e até submetida às experiências subjetivas do leitor. As experiências relatadas nos textos de Calvino e de Orwell revelam que a leitura pode, inclusive, ressignificar realidades e memórias. No caso da aluna de Letras, sua leitura subjetiva do poema de Drummond efetivou o contorno a uma situação vivenciada na sua atualidade, gerando compreensão do vivido e do lido, além de expor ao grupo de alunos a relevância e a inevitabilidade desse modo de apreensão da literatura.

Mesmo à margem a subjetividade leitora se evidencia nos casos apresentados, o que manifesta a urgência do seu comparecimento no processo de ensino da leitura e da literatura na escola.

Referências

- BARTHES, R.. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Fontes, 2004.
- CALVINO, I.. **O caminho de San Giovanni**. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DRUMMOND, C.. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- JOUE, V. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G. ; REZENDE, N.L.. (orgs.) **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. Trad. Vários. São Paulo: Alameda, 2013.
- LIMA, S.O. Subjetividade e formação do leitor: o problema da ausência da leitura literária em livros didáticos do ciclo 1 do ensino fundamental. **Terra roxa e outras terras**, V. 31, p. 18-30, 2016.
- ORWELL, G.. Assim morrem os pobres. In: ORWELL, George. **Livros e cigarros**. Tradução de Paulo Faria. Lisboa: Antígona, 2016, p. 79-99.
- TODOROV, T.. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.